

A PERVERSÃO DE THEODORE ROBERT BUNDY À LUZ DA PSICANÁLISE

Shirlândia Maria Rosendo¹

RESUMO

Este artigo constitui-se como uma pesquisa documental cuja finalidade é apresentar uma análise psicanalítica sobre a trajetória do assassino em série Theodore Robert Bundy, e mostrar, de acordo com o material analisado, se Ted Bundy tinha uma estrutura psíquica perversa ou se apenas apresentava manifestações perversas em seus crimes. Tem como objetivos específicos: examinar o *modus operandi* de seus crimes para uma melhor compreensão de sua possível estrutura ou manifestação perversa e confrontar as ideias dos autores em estudo para obtermos uma compreensão mais clara quanto à sua estrutura psíquica. O levantamento dos dados para análise foi feito com base em livros, vídeos, filmes e documentários. Ted foi um notório assassino em série dos Estados Unidos na década de 1970, chegando a ser acusado do assassinato e tentativa de assassinato de um número superior a 35 vítimas. De acordo com os dados analisados, o criminoso intrigou vários especialistas em saúde mental da época, recebendo diferentes diagnósticos, mas conclui-se que, com base no material apresentado, não existiu um olhar psicanalítico quanto à sua condição mental. Nesse sentido, reconhece-se a importância de fomentar as produções científicas nessa área, visando ampliar a discussão e trazer para a nossa realidade atual. De acordo com todo o material coletado e analisado, os crimes cometidos por Ted Bundy eram marcados por sua frieza e crueldade.

Palavras-chave: Perversão. Psicanálise. Estrutura clínica.

ABSTRACT

This paper is a documental research whose purpose is to present a psychoanalytical analysis about the trajectory of the serial killer Theodore Robert Bundy and to show, according to the analysed material, if Ted Bundy had a perverse psychic structure or if he only presented perverse manifestations in his crimes. It has as specific objectives to examine the *modus operandi* of his crimes for a better understanding of his possible perverse structure or manifestation and to confront the ideas of the authors under study to obtain a clearer understanding of his psychic structure. The data survey for analysis was done based on books, video, films and documentaries. Ted was a notorious serial killer in the United States in the 1970s, being accused of the murder and attempted murder of more than 35 victims. According to the analysed data, the criminal intrigued several specialists in mental health at the time, receiving different diagnoses, but it appears that, based on the material presented, there was no psychoanalytic look at his mental condition. In this sense, it is recognized the importance of encouraging scientific production in this area, in order to broaden the discussion and bring it to our current reality. According to all the collected and analysed material, the crimes committed by Ted Bundy were marked by his coldness and cruelty.

¹ Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia. Pós-graduada em Neuropsicopedagogia. Formação em Psicanálise. E-mail: shirleyrosendo2014@gmail.com

Keywords: Perversion. Psychoanalysis. Clinical Structure.

1 INTRODUÇÃO

Para falarmos sobre perversão, é de suma importância que alguns conceitos usados para definir o termo sejam expostos. Iniciaremos tal exposição com o Dicionário de Psicanálise, de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon:

Termo derivado do latim *pervertere* (perverter), empregado em psiquiatria e pelos fundadores da sexologia para designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-as, as práticas sexuais consideradas como desvios com relação a uma norma social e sexual. A partir de meados do século XIX, o saber psiquiátrico incluiu entre as perversões práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo, o travestismo, o narcisismo, o auto-erotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais (ROUNIDESCO, 1998, p. 584).

Os autores referidos acima nos dizem ainda que a partir de 1986 Freud adota o termo de forma definitiva para a psicanálise e mantém o sentido de desvio sexual em relação a uma norma, porém sem conotação pejorativa, vindo a incluir a perversão junto às estruturas psíquicas neurose e psicose. Roudinesco e Plon dizem também que no ano de 1987 o termo foi substituído por parafilia no vocabulário da psiquiatria, pois “abrange práticas sexuais nas quais o parceiro ora é um sujeito reduzido a um fetiche (pedofilia, sadomasoquismo), ora o próprio corpo de quem se entrega a parafilia (travestismo, exibicionismo) ora um animal ou um objeto (zoofilia, fetichismo)” (ROUNIDESCO, 1998, p. 584).

É importante ressaltar que quando o termo perversão foi substituído por parafilia a homossexualidade não foi mais inserida (ROUDINESCO, 2008). Já para o autor Flávio Carvalho Ferraz (FERRAZ, 2010), o termo perversão, que também teria origem no latim, nomina o ato ou efeito de perverter-se, de tornar-se perverso ou mau, além de corromper, depravar e desmoralizar. Podendo ainda designar a alteração ou o transtorno de uma função. O autor cita ainda que “o uso da palavra perversão na acepção de desvio sexual não teve origem na psicanálise e sim na sexologia do século XIX” (FERRAZ, 2010, p. 22).

Para muitos ainda existe a ideia de que a psicanálise seria a responsável por tal origem, mas veremos no decorrer deste trabalho que vários autores comungam com a citação de Flávio, inclusive Lantéri-Laura (*apud* PEIXOTO JÚNIOR, 1999), que vem

nos dizer que o termo foi usado pela primeira vez em 1444 com o sentido de retomar ou reverter, mas logo teve a qualidade de “deplorável” anexada, ou seja, com o passar do tempo o termo veio adquirindo mais significados e ganhando cada vez mais espaço no campo da medicina, por exemplo, pois ainda no século XIX ele passa a fazer parte do vocabulário dos profissionais da área, mas ainda como uma degradação de uma função orgânica. Posteriormente o termo passa a ser usado ainda pela medicina como degeneração ou loucura moral, mais à frente passou a nomear principalmente a perversão moral e, por fim, se deu sua conexão definitiva à sexualidade, sendo que nos dias atuais já não se faz necessário o uso do adjetivo sexual, pois ao utilizarmos o termo perversão, subentende-se que trata-se de algum desvio na vida sexual (FERRAZ,2010), o que confirma a colocação de Roudinesco e Plon.

Os escritores nos mostram que a palavra perversão veio sofrendo várias adequações e ocupando cada vez mais espaço no vocabulário da época e da atualidade também, passando de um significado de simples regresso a desvio na vida sexual.

Para Roudinesco, apesar de as perversões sexuais fazerem parte de diversos estudos, o que temos relacionado a história dos perversos quanto à perversão como denominação, estrutura e vocábulo foi estudada apenas pelos psicanalistas (ROUDINESCO, 1994). A autora se refere à limitação encontrada quando se trata do que ela chama de o “povo dos perversos”, já que os demais estudiosos não se aprofundam no termo da mesma forma que os psicanalistas.

Outro autor de extrema relevância para o tema em questão, é Robert J. Stoller, que nos diz que a palavra perversão foi adotada por Freud e que se manteve no vocabulário de vários psicanalistas nas gerações posteriores, mas que o termo também já chegou a ser contestado e até evitado por autores de origens diversas, inclusive da própria psicanálise. O autor discordava da ideia de abandono da palavra, pois não via nada de impróprio em seu uso, além de acreditar que o pensamento de abolir o termo havia surgido dos “politicamente corretos” que estavam preocupados com uma possível amoralidade que o mesmo pudesse carregar. Para o autor a preservação do conceito é de suma importância para que a condição da perversão possa ser demonstrada (STOLLER, 2003). O interesse de Stoller em defender a preservação do termo não era com o intuito de apoiar ou não a moralidade e o conservadorismo repressor no que diz respeito ao comportamento sexual, mas de sustentá-lo como uma necessidade de definição clínica.

2 METODOLOGIA

O artigo desenvolvido é de caráter documental, com fontes de origem secundária, a partir de pesquisas realizadas em filmes, livros, vídeos e documentários. A pesquisa documental propicia por meio do material coletado e analisado, suporte eficaz para o enriquecimento dos saberes, bem como para oferecer credibilidade à pesquisa. Juntamente com o estudo de todo o material citado, serviram ainda como fundamentação os meus estudos como Psicanalista.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Quem foi Theodore Robert Bundy

Theodore Robert Bundy nasceu no dia 24 de novembro de 1946, em Burlington, Vermont – EUA, filho de Louise Cowell e pai desconhecido, neto de Sam Cowell e Eleanor Cowell (BUNDY, Ted Conversando, 2019). O avô de Ted era diácono da igreja local, mas guardava enorme coleção de pornografia da qual Ted começou a ter contato com apenas três ou quatro anos de idade (RULLE, 2019).

A idade em que Ted passou a ter acesso ao material pornográfico do avô faz parte do que Freud denomina como fase de latência. Ele considera que o desenvolvimento sexual humano começa em dois tempos, e um deles é exatamente nesta fase. Ele situa a sexualidade da criança como base para a perversão adulta e descreve a sexualidade infantil como perversa polimorfa, pois a criança utiliza vários meios para alcançar a satisfação sexual, ou seja, prioriza o prazer do órgão, mas não necessariamente a genitália. Essas pulsões parciais poderão se unificar na sexualidade genital na fase adulta fazendo com que essa criança venha a ser uma pessoa normal, e um sujeito perverso, caso essa unificação não aconteça (FREUD, 2016).

De acordo com relatos dos familiares de Ted, o seu avô era um homem violento, intolerante, sádico com animais e “louco”, totalmente diferente da figura que o neto descrevia, para ele: Sam Cowell era maravilhoso, carinhoso e generoso. Já a avó era uma esposa tímida, submissa e, às vezes, precisava passar por tratamento de choque para depressão, além de ficar em casa sendo consumida pela agorafobia.

Louise, mãe de Ted, foi enviada para dar à luz no Lar para Mães Solteiras Elizabeth Lund, em Burlington, Vermont-EUA. Então voltou para casa deixando Ted

para trás por três meses e, após este período, a mãe o levou para casa onde ele passou a ser criado pelos avós.

A família dizia a todos que a criança havia sido adotada por Sam e Eleanor Cowell, vindo Ted a descobrir a verdade apenas aos 14 anos de idade. Anos mais tarde, Louise casou-se e levou Ted para ser criado como seu verdadeiro filho e, posteriormente, teve mais três filhos e Ted foi reconhecido legalmente pelo seu padrasto Johnny Culpepper Bundy (RULLE, 2019). É de suma importância citarmos a visão de alguns autores frente ao que já foi exposto a respeito da família de Ted. Para Stoller, “a perversão é resultado de uma determinada dinâmica familiar que, induzindo medo, força a criança imersa na situação edípica a evitá-la” (STOLLER, 2003, p. 10).

Para ele o conflito edípico não seria concluído por meio do recalçamento, mas sim evitado, sendo adiado e ficando suspenso. O autor Joel Dor complementa a colocação de Stoller, dizendo que para Freud o processo de construção das perversões está atribuído à problemática fálica da mãe, tal como interfere no curso do Édipo, a criança atribui o falo à mãe como resposta para o grifo da diferença dos sexos, sendo que a tal atribuição fálica é resultado da ideia de que o que deveria estar lá é visto como faltante (DOR, 1991).

Mais à frente vamos discorrer sobre as ideias de Izcovich, que vão ao encontro do pensamento de Stoller e Dor, porém de forma mais ampla. Quando adulto, Ted teve uma vida acadêmica com formação em Psicologia e foi aluno do curso de Direito, além de trabalhar em um Centro de Atendimento de Prevenção ao Suicídio (BUNDY, Ted Conversando, 2019).

De acordo com Ann Rule, que na época também foi sua colega de trabalho, Ted fez parte de campanhas políticas apoiando Nelson Rockefeller pelo Partido Republicano. Em 1968, fez curso de chinês na Universidade de Stanford - Polo Alto-California, e trabalhou como motorista e segurança de Arthur Fletcher, também do Partido Republicano no mesmo ano. Sua namorada chamava-se Elizabeth Kloepfer, mãe de uma menina que era tratada por Ted como se fosse sua própria filha – o namoro durou sete anos.

Ted trabalhou no Consultivo de Prevenção de Crimes de Seattle e revisou a nova lei estadual de caronas, que tornava a prática legal mais uma vez, na mesma época Ted almejava a vaga de diretor do Comitê, e figurava entre os candidatos finais, mas não conseguiu o cargo (RULLE, 2019). Provavelmente a experiência que Ted adquiriu enquanto trabalhava no Comitê tenha lhe dado a certeza de que jamais seria um suspeito, já que Ted disse ao amigo, que o batizou na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos

Dias (mórmons), que sabia como alguém poderia cometer tais crimes sem ser descoberto, que bastava matar, desovar o corpo, jogar as roupas das vítimas e as ferramentas usadas para cometer os crimes em cidades diferentes e assim os policiais nunca iriam conversar e não teriam como conectar os crimes (BUNDY, Ted: A mente, 2021). A sensação de impunidade que Ted sentia era fruto do esforço feito por ele para estar sempre inserido no meio social, profissional, acadêmico e religioso, pois assim estaria acima de qualquer suspeita, situação que poderá ser percebida na tranquilidade apresentada por Ted após a execução de seus delitos durante toda a sua trajetória criminosa.

3.2 A trajetória e os crimes de Ted Bundy

Os jornais da época anunciavam que Ted havia matado, espancado, e estrangulado duas jovens, além de estuprar uma delas. Dizia também que ele estava armado com um tronco de madeira. A mídia chamava Ted de gênio diabólico, manipulador e enganoso, também anunciavam que ele já havia sido assistente social e ativista de campanhas políticas. Depois da morte de várias mulheres com o mesmo *modus operandi*, a polícia conseguiu prendê-lo com a ajuda de sua namorada, Elizabeth Kloepfer. Após sua prisão, os jornais diziam que Ted fazia parte da lista dos dez homens mais procurados do FBI, que havia sido preso na Flórida, suspeito de vários crimes sexuais em Washington, Idaho, Utah e Colorado.

Haviam descoberto o esqueleto de seis mulheres e tomaram conhecimento da morte de mais de vinte jovens em seis estados. Os corpos estavam nus e com sinais de espancamento e estrangulamento. Os jornais anunciavam que as jovens haviam sido sequestradas e que a polícia havia encontrado partes de quatro crânios. Anunciavam também que algumas vítimas de Ted foram abusadas sexualmente e que o agressor praticou necrofilia em seus corpos, além de mutilá-los e marcá-los com mordidas, sendo que em algumas vítimas o assassino usou os próprios dentes para mutilar suas partes íntimas.

Os jornais faziam referência ao caso das estudantes que haviam sido atacadas dentro de seus próprios quartos na Casa de Fraternidade Chi Ômega da Universidade Estadual da Flórida, onde Ted espancou cinco delas, levando duas à morte. De acordo com a polícia, ao sair da Casa de Fraternidade, Ted andou apenas dois quarteirões, invadiu uma casa e fez mais uma vítima, uma estudante de dança que foi encontrada brutalmente assassinada (BUNDY, Ted Conversando, 2019).

Temos dois autores que podem discorrer com muita maestria sobre toda a narração realizada anteriormente pela mídia. Primeiramente, temos Stoller (2003, p.14) que nos diz que “A função do risco como fator de excitação e de prazer sexuais é inerente à dinâmica da vingança... A excitação é o produto de uma oscilação entre a possibilidade de falhar (que é pequena) e a antecipação do triunfo (que é grande)”.

Para o autor, a perversão também pode ser vista como uma espécie de atalho usado pelo sujeito, em que o risco é erotizado e o prazer sexual é alcançado, entendendo que sem risco não há interesse sexual. O autor diz ainda que a sensação de perigo precisa existir para que a excitação máxima possa ser produzida, o que provavelmente explicaria toda a exposição assumida por Ted durante a execução de seus crimes.

Diante do exposto a respeito das ideias de Stoller e do comportamento de Ted, faz-se necessário uma importante citação de Elizabeth Roudinesco:

São igualmente definidos como perversos aqueles que possuem ou penetram por efração o corpo do outro sem seu consentimento (o estuprador, o pedófilo), os que destroem ou devoram ritualmente seus corpos ou o de um outro (o sádico, o masoquista, o antropófago, o autófago, o necrófago, o necrófilo, o escarificador, o autor de mutilações), os que travestem seus corpos ou sua identidade (o travesti) os que exibem ou apreendem o corpo como objeto de prazer (o exibicionista, voyeurista, o narcísico, o adepto do auto-erotismo). (ROUDINESCO, 2008, p. 82).

Para a autora, também é perverso todo aquele que não respeita a diferença entre as espécies, que seria o caso do zoófilo, em que ela cita também o próprio sangue, ou seja, o incestuoso e, até mesmo, aquele que vai contra a conservação da espécie, o onanista.

O próprio Ted dizia que “as pessoas não percebem que assassinos não saem da escuridão com dentes afiados e saliva pingando no queixo”, como no documentário Ted Bundy - Conversando, 2019. Ele também afirmava que os assassinos em série não são monstros, mas maridos e filhos de alguém, e que suas famílias são iguais às demais.

O autor Phillippe Julien, que “corroborar” com os relatos de Ted, ao dizer que “os perversos na maior parte do tempo são homens ou mulheres respeitáveis e respeitados em sua vida social, profissional e familiar, mas eles ou elas têm, por outro lado, secretamente, discretamente, outra vida que não cai sob o olhar dos guardiões da ordem médico-legal” (JULIEN, 2003, p.102).

Phillippe se refere ao fato dos perversos não se considerarem doentes, sendo assim não procuram ajuda psiquiátrica, causando uma grande ausência nas pesquisas,

além de sua permanência em meio à sociedade como pessoas ditas “normais”. Os relatos de Ted no decorrer do documentário seguem ao encontro das ideias do autor, pois ele diz que era uma pessoa normal e que as pessoas jamais olhariam para ele com motivos para pensar que havia algo de errado, pois era cercado por bons amigos e, até certa altura, de pessoas influentes, que a única anormalidade que existia era o que ele chamava de pequeno, mas potente e destrutivo segmento, mantido em segredo por ele.

Ted tinha a necessidade de ser considerado normal e não queria ocupar a posição de perverso na sociedade (BUNDY, Ted Conversando, 2019). Roudinesco afirma que toda a humanidade tem um lado perverso, mas que recalamos essa negatividade e somente os perversos são capazes de confessar por meio da crueldade de seus atos (ROUDINESCO, 2008).

Ted foi preso pela primeira vez em 1975, mas em junho de 1977 ele fugiu pela janela do Tribunal de Aspen - Colorado, sendo recapturado quase seis dias depois. O psicólogo que atendia Ted na cadeia, Al Carlisle, dizia que Ted ligava e conversava com ele como se quase falasse com um pai, e que estava orgulhoso pela fuga.

Em 30 de dezembro de 1977 Ted fugiu pela segunda vez após emagrecer o suficiente para fugir pelo teto do Presídio do Condado de Garfield, rastejando pelo forro até alcançar o apartamento de um dos carcereiros, pegar a roupa do funcionário e sair pela porta da frente do presídio. Após esta fuga, Ted só foi recapturado em 15 de fevereiro de 1978, chegando a ficar entre os dez criminosos mais procurados do país. Dezesesseis dias após a segunda fuga, Ted voltou a matar. De acordo com a polícia, a sua última vítima foi Kimberly Diane Leach, de apenas 12 anos de idade.

Ted relata: “Eu estava lidando com fortíssimas inibições, contra comportamento criminoso e comportamento violento, que havia sido condicionados a mim, criados a mim, no meu ambiente, no meu bairro, na minha igreja, na minha escola...eu sabia que era errado”, como no documentário Ted Bundy - Conversando, 2019.

Para Ted os seus limites estavam sendo testados e ele já não conseguia mais conter os obstáculos que o separavam da satisfação dos seus desejos criminosos. Ele diz que quando deu início aos seus crimes tudo que ele havia aprendido entre certo e errado, quando era criança, já não era mais o suficiente para impedi-lo de fazer mal a alguém. Ted descreve a energia destrutiva que sentia como uma compulsão (KILLER, Serial: Ted Bundy: A última, 2020). Ele sabia que para a sociedade ele era considerado um monstro

e que aqueles que clamavam por justiça pediam pela sua execução. Ele falou ao jornal britânico *The Times*:

Se alguém me considera um monstro, isso é algo que terão de confrontar dentro de si mesmos. Isso não tem nada a ver comigo porque não me conhecem. Se realmente me conhecessem, descobririam que não sou um monstro. Aliás, condenar alguém, desumanizar alguém como eu, é forma muito popular e eficaz de as pessoas lidarem com o medo e a ameaça que são simplesmente incompreensíveis. É meio que o velho clichê do avestruz com a cabeça enfiada na areia. Quando pessoas recorrem a esses clichês de que alguém é um monstro que passou do ponto de receber ajuda, que é demente, que tem algum defeito, então estão enfiando as cabeças no chão por pura ignorância. (RULLE, 2019, p. 520).

Ele não aceitava a forma como era tratado, sempre discordava da maneira que a sociedade pensava a respeito de pessoas como ele e nunca concordou com a pena de morte, e argumentava que a sociedade não estava resolvendo o problema da forma adequada, mas sim abolindo (RULLE, 2019).

Ted insistia que precisava de ajuda e compreensão, não de punição. Demonstrava acreditar que o problema estava naqueles que o condenavam e não nos crimes cometidos por ele, mesmo sabendo que o *modus operandi* adotado para executá-los havia causado medo e levado à sensação de ameaça para todos, como será abordado a seguir.

3.3 O *modus operandi* de Ted Bundy

Ted era um homem bonito, brilhante, carismático, com vida social afetiva e academicamente ativa; um homem acima de qualquer suspeita. O homem bonito no fusca que insistia em dar carona a mulheres, e quando elas recusavam, ele demonstrava uma faísca causticante de raiva (BUNDY, Ted Conversando, 2019). Ele usava inúmeros disfarces para atrair suas vítimas, desde um braço aparentemente quebrado a um distintivo para fingir ser um policial, como no filme *Ted Bundy – Um estranho*, 2003.

Para Ann, Ted se aproveitava da gentileza das jovens para atraí-las até o seu carro ou invadia seus quartos para matá-las. A autora também relata que apenas o folclore criminoso pinta Ted como um homem bonito, brilhante e carismático. Ann diz ainda que Ted atuou como um glamoroso rapaz homicida. Ainda de acordo com a autora, as vítimas que sobreviveram ao ataque de Ted ficaram com várias sequelas. Ela cita as estudantes da Casa de Fraternidade Chi Ômega da Universidade Estadual da Flórida. Cheryl Tomas

hesitava ao andar e mancava, teve fraturas no crânio em cinco lugares, perda de audição em um dos ouvidos, mandíbula quebrada, ombro deslocado e perda de equilíbrio causada por um dano cerebral.

Podemos citar ainda Karen Chandler, que sofreu concussão, teve a mandíbula quebrada, alguns dentes se perderam, sofreu fraturas, cortes no rosto e dedo esmagado. Kathy Kleiner teve a mandíbula quebrada em três lugares, contusão no pescoço, lacerações no ombro e todos os dentes inferiores estavam soltos. Lisa Lvy e Margaret Bowman não sobreviveram.

O médico patologista Thomas P. Wood, que realizou os exames *post mortem* nas garotas falecidas, relatou que Lisa foi estrangulada, tinha marcas de ligadura na garganta, hematoma na testa, arranhões no rosto, clavícula quebrada, um de seus mamilos estava preso somente por um pedaço de pele e havia marca de duas fortes mordidas em uma das nádegas, ela sofreu abuso sexual, mas com a introdução de um frasco de perfume para cabelos, rasgando o orifício retal e a cavidade vaginal, causando hemorragia na parede do útero e em outros órgãos internos. Margaret Bowman teve golpes desferidos no lado direito da cabeça, causando fraturas profundas no crânio. A força dos golpes fez com que pedaços do crânio ficassem dentro do cérebro, além de fratura que chegava a 6,30 cm de diâmetro e alguns danos chegavam a 10 cm. A força do golpe desferido contra a cabeça de Margaret foi tão extrema que o cérebro foi jogado contra o lado esquerdo do crânio. Havia uma ligadura de meia calça enterrada profundamente em seu pescoço. (RULLE, 2019).

Ed Hula, correspondente da Flórida, relata que “a natureza chocante do caso de depravação da violência e a personalidade de Ted Bundy, juntas criaram algo que a mídia não podia ignorar”, Ed se referia não só ao *modus operandi* de Ted, que incluía uma grande falta de limite na execução de seus crimes, mas também à sua frieza frente a eles (BUNDY, Ted Conversando, 2019).

Diante de todo o relato feito pelo médico legista, faz-se necessário mencionar a diferença entre “perversão” e “perversidade”, visto que a perversão faz referência a uma estrutura de defesa contra as angústias, já a “perversidade” direciona ao caráter de crueldade e malignidade (ZIMERMAN, 1999).

Roudinesco confronta essa ideia e diz que perversão é sempre sinônimo de perversidade (ROUDINESCO, 2008). A forma que Ted Bundy atuava em seus crimes nos remete à visão de Stoller, quando o autor diz que para negar o resultado do trauma infantil de forma ilusória, o sujeito monta uma cena sexual perversa com o intuito de

recontar a sua experiência traumática, mas agora saindo do papel de vítima para o de agressor, descarregando o seu ódio e alcançando a sua vingança, ou seja, a perversão para Stoller seria uma forma erótica do ódio.

O autor diz ainda que para o perverso faz-se necessário a desumanização do objeto sexual durante a encenação de sua fantasia e, posteriormente, o seu descarte, caso contrário a montagem de sua cena estaria em risco. Para ele, o sujeito é considerado perverso se a escolha do objeto que lhe causa excitação tiver sido oriunda do desejo de vingança ou de danificar tal objeto. O indivíduo também é considerado perverso se sentir como se estivesse celebrando um triunfo no que diz respeito ao ato (STOLLER, 2003). Podemos reforçar o pensamento do autor com a citação de Elizabeth Roudinesco:

Freud assinalou o caráter selvagem, bárbaro, polimorfo e pulsional da sexualidade perversa: uma sexualidade em estado bruto que não conhece nem o interdito do incesto, nem o recalçamento, nem a sublimação. Distinguiu em seguida dois tipos de perversão: as perversões de objeto e as perversões de objetivo. (ROUDINESCO, 2008, p.102).

Ao fazer essa distinção, Freud classifica as relações sexuais entre humanos como perversões de objeto, e as perversões de objetivo ele divide em prazer visual, prazer de fazer sofrer e de sofrer, e por último o prazer por superestimação exclusiva de uma zona erógena fetichizada.

Krafft-Ebing, psiquiatra alemão, classificou as perversões de maneira semelhante. Ele dividiu as perversões em dois grupos, sendo: “primeiro aquelas em que o objetivo da ação é perverso, e é preciso pôr aqui o sadismo, o masoquismo, o fetichismo e o exibicionismo. Em seguida, aquelas em que o objeto é perverso, a ação o sendo quase sempre, em consequência: é o grupo da homossexualidade, da pedofilia, da gerontofilia, da zoofilia e do auto-erotismo” (JULIEN, 2003, p.103).

Para chegar a tal classificação, Krafft-Ebing usou como base a finalidade da natureza consciente e não violenta da sexualidade, já que para a natureza o objeto seria a união genital de um casal heterossexual adulto, e o objetivo seria a satisfação sexual dos mesmos em função dessa ligação. Para o autor, seria considerada perversa toda forma de externar o instinto sexual, toda manipulação da genitália no sentido sexual que não fosse em prol da reprodução, ou seja, seria considerada uma conduta perversa todo comportamento sexual que não tivesse a reprodução como fim. (JULIEN, 2003).

3.4 O julgamento final e a execução de Ted Bundy

Old Sparky era o nome da cadeira elétrica em que Ted foi executado no dia 24 de janeiro de 1989, na Penitenciária Raiford, onde 12 testemunhas fizeram-se presentes (RULLE, 2019). Uma das testemunhas relatou que ao ter seu corpo atravessado pela força da eletricidade, as unhas dele assumiram um tom azul cianótico. Exatamente a cor que diziam ser a favorita de Ted, mas nos lábios e nas unhas de seus “objetos” (BUNDY, Ted Conversando, 2019).

Ted diz em uma das mais de 70 fitas, com quase cem horas de conversas gravadas, em seis meses, enquanto estava no Corredor da Morte, “[...] mulheres são objetos, seres geralmente subordinados aos homens, mulheres são produtos da indústria pornográfica, passando pela Playboy e até o noticiário”, como no documentário Ted Bundy - Conversando, 2019.

Ted fez essa narração enquanto falava de si na terceira pessoa para o repórter Stephen Michaud, responsável por suas gravações. O seu intuito em falar na terceira pessoa era justamente para conseguir narrar seus crimes sem assumir a autoria dos mesmos.

Ted ficou preso por onze anos, e de acordo com o seu advogado James E. Coleman, o seu cliente já havia sido representado pelo total de quatorze advogados, além de também ter sido representado por si mesmo. Coleman enfatizava que o seu cliente tinha sido privado de ser representado por advogados eficazes (RULLE, 2019). Tal argumento foi usado pelo advogado com o intuito de convencer o tribunal de que Ted era louco e assim livrá-lo da cadeira elétrica.

Na mesma obra a autora diz que não se pode executar um louco, mesmo que ele tenha enlouquecido enquanto aguardava no Corredor da Morte. A advogada Polly Nelson, que trabalhava com Coleman, no caso de Ted, diz que o seu cliente foi levado a uma especialista para determinar sua competência mental, mas ele insistia em dizer que não era louco, insano ou incompetente, e se sentia insultado por seus advogados em considerarem tal defesa, já que para ele, os advogados também sabiam que ele não era louco.

Ainda de acordo com a advogada, a psiquiatra responsável pela avaliação de Ted, Doutora Dorothy Lewis, que se especializava na compreensão da química cerebral de homens violentos, solicitou alguns exames neurológicos e deu o diagnóstico de bipolaridade, relatando que Ted ouvia vozes na fase depressiva do seu transtorno e que tentava controlar a sua própria defesa durante o julgamento, em sinal de episódios

maníacos, mas posteriormente mudou o diagnóstico para transtorno de múltiplas personalidades, no qual ela o classificava como narcisista, limítrofe e sociopata.

A advogada ainda disse que para a psiquiatra havia algo diferente no cérebro do detento, que havia causado a falta de empatia e de amor que, de acordo com ela, Ted dizia não sentir. Uma química cerebral diferente ou até mesmo um tumor em algum local que bloqueava suas emoções e sentimentos (BUNDY, Ted Conversando, 2019).

Dessa forma, os advogados conseguiram suspender temporariamente a execução, mesmo tendo assumido o caso há apenas uma semana antes da data marcada para tal, 4 de março de 1986 às 7 horas (RULLE, 2019). Essa suspensão temporária durou até 24 de janeiro de 1989, quando Ted foi finalmente executado, sendo que ele já estava no corredor da morte há 10 anos.

Dois dias antes de sua execução, Ted decidiu falar e assumiu a autoria dos seus crimes para o Agente Especial do FBI Bill Hagmater e para o Detetive Bob Keppel. Ted assumiu a autoria de 30 crimes, confessou ter enterrado 10 corpos e decaptado 6, também afirmou ter praticado necrofilia em suas vítimas (BUNDY, Ted Conversando, 2019). A confissão de Ted corrobora com as ideias de Stoller, de que a perversão seria uma aberração na qual o ódio se apresenta como subsídio estruturante fundamental, já que para o autor, o ato perverso carrega o desejo de ferir ou causar danos ao outro durante a realização de sua fantasia (STOLLER, 2003).

Horas antes de sua execução, Ted se referiu aos movimentos feitos pela sociedade em apoio à sua condenação de morte:

Eles são loucos, acham que eu sou louco. Escute só. A pena de morte é vingança, isso sim. É um desejo da sociedade de resolver tudo no olho por olho, e não há cura para isso, é um problema da sociedade. Precisamos de uma cura para o problema da sociedade. (BUNDY - Conversando, 2019).

Ele não aceitava a reação do povo quanto aos seus crimes e, inclusive, chegou a dizer que pessoas normais também matam pessoas (BUNDY, A confissão, 2021). Ted pediu que o seu corpo fosse cremado e as cinzas espalhadas nas Montanhas Cascade, local onde os corpos de algumas de suas vítimas foram encontrados. Ele disse ainda que foi o lugar onde foram vividos os melhores momentos de sua vida. (BUNDY, Ted Conversando, 2019).

Ted não enxergava a sua existência como sinônimo de ameaça e acreditava, ou pelo menos tentava convencer a todos, que a sociedade precisava ser tratada, já que estavam apoiando a punição de um crime, cometendo outro.

4 PONTOS IMPORTANTES SOBRE A PERVERSÃO

Não podemos concluir o presente trabalho sem antes trazermos algumas informações importantes quanto à perversão. Para tanto, faremos uma breve passagem pelas obras de alguns autores que já citamos anteriormente. Iniciaremos com uma importante citação da autora Elizabeth Roudinesco, que argumenta que:

A perversão, segundo Freud, é de certa forma natural no homem. Clinicamente é uma estrutura psíquica: ninguém nasce perverso, torna-se um ao herdar, de uma história singular e coletiva em que se misturam educação, identificações inconscientes, traumas diversos. Tudo depende em seguida do que cada sujeito faz da perversão que carrega em si: rebelião, superação, sublimação – ou, ao contrário, crime, autodestruição e outros. (ROUDINESCO, 2008, p. 103).

Por mais que de algum modo cada sujeito carregue a perversão em sua natureza, que possa sofrer a influência do meio e/ou da genealogia familiar, nenhum homem está determinado a ser um perverso ou inapto a qualquer superação de si. Segundo Darwin, o homem é a única criatura munida de faculdade moral (ROUDINESCO, 2008).

Para Izcovich (2008), o sujeito perverso não procura a clínica se não houver angústia ou se o precário equilíbrio do seu gozo não estiver em perigo, e a análise só poderá acontecer se o sujeito não conseguir sustentar o seu ato perverso, se algo do gozo lhe escapar. Quando isso acontece o analista precisa fazer figura do objeto faltante do perverso. Alguns analistas se angustiam durante a clínica com o perverso pelo fato de existir a ideia de que o perverso sabe o que fazer com o gozo, e que diante disso o analista não só precisaria decifrar o inconsciente do analisando como também um saber fazer com o gozo que lhe escapa, além de julgar a estrutura perversa como inalisável por não estar em posição de sujeito suposto saber. Por isso, alguns analistas acreditam que a intenção do perverso na clínica é angustiá-lo.

A maioria dos analistas que utilizam o ensino de Lacan deixam a perversão ocupar um lugar marginal, posicionando-a mais como um traço de estrutura do que como estrutura clínica específica, diferente da neurose e da psicose. O autor afirma ainda que em Freud a perversão seria exclusivamente um desvio sexual e que durante todo o percurso de sua obra ele estabeleceu uma afinidade entre perversão e o fetichismo.

A princípio, tanto para Freud quanto para Lacan, a posição perversa era considerada a partir do fetichismo, mas posteriormente Lacan retirou o fetichismo do centro da perversão e substituiu pelo masoquismo, ou seja, deixa de constituir a falta do Outro e passa a “gozar do fato de que o próprio destino é decidido pelo Outro”. O referido autor cita ainda que seria inconsciente a escolha do sujeito de unir perversão e fetichismo, pois em algum momento a criança acredita que a mãe possui o falo, mas posteriormente descobre que isso não seria possível e nega-se a aceitar tal descoberta, visto que ela precisa posicionar-se em relação a isso, também de forma inconsciente, mas o que é característico da perversão é justamente a tentativa de tentar compensar a falta do falo. Esse é o momento em que o fetiche entra como substituto daquilo que falta na mãe, ou seja, para esse sujeito a castração da mãe é algo inaceitável e que precisa ser mascarado ou preenchido.

Izcovich (2008) também mostra a visão de Lacan em relação à mãe do futuro perverso, o que é de suma importância para o enriquecimento do trabalho em questão. A menina ao ser confrontada pela castração, faz do homem o portador do falo, mas na perversão não é isso que acontece, pois para Lacan falta a falta na mãe do perverso. Lacan usa essa fórmula para referir-se à angústia que nesse caso seria causada pela castração, já que não existe angústia na mãe do perverso, mesmo passando pela experiência da falta, ou seja, essa mãe vive como completa, mas sabemos que a falta é condição de desejo.

O autor aborda essa mãe completa como “uma mulher santa” que seria aquela que faz dos seus filhos o falo que a completa, o seu complemento de gozo, fazendo com que o desejo pelo homem possa ser excluído, ela não precisa de um parceiro sexual para encontrar a sua satisfação (IZCOVICH, 2008). Ainda para Izcovich, “a mulher santa é aquela que, nos termos de Freud, viu, sabe que está castrada, mas sabe que a criança é o que pode completar a sua falta” (IZCOVICH, 2008, p. 61). Esta mãe oculta a castração e a coloca em um outro lugar decidido por “ela mesma”; é então que Lacan estabelece que um filho pode ter a função de fetiche para uma mãe, mas que essa função de saturar o desejo da mãe seria temporária, ou seja, esse desejo vai ressurgir para além do filho.

O perverso tenta anteceder o momento da castração, buscando formar uma unidade com o Outro com o intuito de fugir da castração e, assim, evitar o encontro com a angústia e a falta. De acordo com o autor, existe um preconceito social nutrido por alguns psicanalistas em relação ao que seria um transbordamento de gozo na perversão, ou seja, que na estrutura perversa o sujeito goza mais do que nas demais estruturas psíquicas (IZCOVICH, 2008).

Para encerrarmos as nossas pontuações, vamos discorrer rapidamente de mais uma teoria de Robert Stoller (2003). O autor nos diz que não concorda totalmente com Freud no que diz respeito à contribuição da excitação precoce para a perversão, acreditando que só há essa contribuição se houver estimulação de forma exacerbada, ausência de descarga ou com grave culpa. Isto no sujeito é sentido de forma traumática e se faz necessária a execução do ritual perverso para transformá-la em um evento vitorioso.

Já quando há um ganho significativo e pouca culpa, o resultado é o apego à maneira “diferente” de alcançar prazer na idade adulta, ou seja, a aberração. Ainda de acordo com Stoller (2003), a hipótese é de que esse trauma realmente ocorreu e que se desfça após ser revivido na atuação perversa ao atingir o triunfo, passando de passivo para ativo da situação, ou seja, o trauma é transformado em prazer, e quando o sujeito não é capaz de transformá-lo e livrar-se desse trauma e do perigo, ele sente a necessidade de repetir o ritual sempre da mesma forma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise do material aqui exposto, acredita-se que a estrutura psíquica de Theodore Robert Bundy, possivelmente, seria perversa e desencadeada, pois as teorias abordadas corroboram com os elementos analisados, mostrando que realmente há uma concordância entre a trajetória de Ted e as ideias dos autores citados, com o intuito de facilitar a identificação da estrutura da perversão, além de levarmos em consideração que a finalidade dos ataques de Ted era alcançar o prazer sexual por meio da fantasia, causando dor e sofrimento às suas vítimas, ou seja, o seu propósito não seria a reprodução humana ou a satisfação sexual por meio do encontro das genitálias, já que ele praticava necrofilia e chegou, inclusive, a introduzir em uma de suas vítimas um objeto nas partes íntimas. Podemos verificar que Ted era manipulador, impulsivo, sedutor e não demonstrava amor ou empatia, além de sentir-se superior a todos e infringir a lei de forma exacerbada.

Infelizmente, falar em perversão ainda é um grande tabu em meio à sociedade, já que o termo é visto como sinônimo de desvio a uma norma sexual, e apesar do sexo ser uma referência de prazer, ainda é um assunto que não costuma ser debatido abertamente no âmbito familiar e social. Os perversos podem estar dentro dos nossos lares, praticando as suas perversões usando apenas um computador, como é o caso dos pedófilos, assim

como podem estar presentes em nossa vizinhança praticando sexo com animais, os zoófilos, por exemplo.

Acompanhamos com frequência, por meio dos jornais, internet e redes sociais, que os perversos estão por toda parte e sabemos da atuação deles em vários locais, mas não ouvimos o termo ser usado para designar tais indivíduos. Também precisamos levar em consideração que identificar uma estrutura psíquica perversa não é tarefa fácil, já que o indivíduo pode apresentar manifestações perversas e não necessariamente possuir tal estrutura.

Devido à sua relevância, espera-se que trabalhos como este possam contribuir para o desenvolvimento de outros dentro do campo da Clínica Psicanalítica, não só com o intuito de nos fornecer mais material para estudo, como também para nortear a sociedade quanto à identificação desses indivíduos, visto que os mesmos estão inseridos em nossa vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

CONVERSANDO com um serial killer: Ted Bundy. Direção: Joe Berlinger. Produção: Joe Berlinger. Estados Unidos, 2019. Online Netflix.

DOR, Joel. **Estrutura e perversões**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**: Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentada de uma história (“O caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905). São Paulo: Companhia das letras, 2016.

IZCOVICH, Luis. **A perversão e a psicanálise**. São Paulo: Aller Editora, 2019.

JULIEN, Philippe. **Psicose, perversão, neurose**: a leitura de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

KILLER, Serial: Ted Bundy - **A Última Entrevista**. Plataforma: Youtube. Publicado em 19 de outubro de 2020. Duração: 17:59. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0sWfJCBSvzg>. Acesso em 10 out. 2022.

ROUDINESCO, Elizabeth, Michel Plon. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RULLE, Ann. Ted Bundy: um estranho ao meu lado. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.

STOLLER, Robert J. **Perversão**: A forma erótica do ódio. São Paulo: Hedra, 2017.

TED BUNDY, um estranho ao meu lado. Direção: Joe Berlinger. Produção: Village Roadshow Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2003. Plataforma: Youtube. Duração: 1:29: 22. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TUOrOUN-MN0>. Data de acesso: Acesso em 29 out. 2022.

TED BUNDY, a confissão final. Direção: Amber Sealey. Produção: Elijah Jordan Wood. Intérprete: Elijah Jordan Wood e Luke Kirby. Estados Unidos: SpectreVision, 2021. Online Netflix.

TED BUNDY: A mente de um monstro. Direção: Tom Brisley. Plataforma: Youtube. Publicado em 20 de Maio de 2021. Duração:1:03:10. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AKIWOJY4DUY>. Acesso em 28 out. 2022.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos**: Teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Rio Grande do Sul: Artmed S.A., 1999.